

ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO DE DEMÓSTENES TORRES

ANALYSIS OF THE CHARACTERISTICS OF POLITICAL DISCOURSE OF DEMOSTENES TORRES

Alexsander Galhardo da Rosa ¹

Daiane Paulo ²

Kelly de Oliveira Neckel ³

Ronei Guaresi ⁴

Resumo

Este artigo se propõe a analisar o discurso político sob a perspectiva bakhtiniana de análise do discurso. A ênfase deste estudo é para a identificação dos principais conceitos bakhtinianos em discurso de ambiente político do ex-senador brasileiro Demóstenes Torres, em defesa de acusações de participar do chamado grupo de Cachoeira, ligado a contravenções. A análise mostrou características prototípicas do discurso político: a) busca de um *eu* idôneo, sentimental, vítima de articulação política, inocentemente envolvido em conluios e b) minimização das provas ao nível da insignificância, em outros casos indiretamente reclamando isonomia ou transferindo a responsabilidade.

Palavras-chave: Discurso político. Bakhtin. Demóstenes Torres.

Abstract

This article aims to analyze political discourse from the perspective of Bakhtinian discourse analysis. The focus of this study is to identify the major concepts in Bakhtinian discourse political environment of former Senator Brazilian Demóstenes Torres in defense of accusations of participating in the group called Cachoeira, involved in contraventions. The analysis showed prototypical features of political discourse: a) search for a reputable myself, sentimental, victim of political articulation, innocently involved in stunts, and b) minimizing the level of insignificance evidence in other cases claiming equality or indirectly transferring responsibility.

Keywords: Political Discourse. Bakhtin. Demóstenes Torres.

Introdução

Bakhtin influenciou determinantemente os estudos sobre o texto e o discurso nas últimas décadas. Os pressupostos bakhtinianos são apropriados à análise do discurso político. Claro está que os estudiosos do discurso fazem diferentes interpretações dos legados de Bakhtin, enfatizando, muitas vezes, determinados aspectos

¹ Acadêmico do Curso de Letras – Habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa – FATIPUC, de Canoas/RS. Estudante de licenciatura. E-mail: <galhardoewiatrowski@gmail.com>.

² Acadêmica do Curso de Letras – Habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa – FATIPUC, de Canoas/RS. Estudante de licenciatura. E-mail: <daia.tricolor@hotmail.com>.

³ Acadêmica do Curso de Letras – Habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa – FATIPUC, de Canoas/RS. Estudante de licenciatura. E-mail: <kellyeron@yahoo.com.br>.

⁴ Licenciado em Letras pela Universidade do Contestado. Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: <roneiguaresi@yahoo.com.br>.

em detrimento de outros. Noutras vezes, os fundamentos bakhtinianos são requeridos a serviço de diferentes correntes teóricas de análise do texto. Dado o exposto, não é objetivo deste estudo assumir alguma dessas interpretações, embora a análise neste trabalho considere as circunstâncias de produção do discurso, suas características sociais, culturais e históricas do enunciado.

O corpus deste estudo é o discurso de ambiente político do ex-senador brasileiro Demóstenes Torres, em defesa de acusações de participar do chamado grupo de Cachoeira, ligado a contravenções. O texto utilizado para análise é o utilizado na defesa de Demóstenes no Congresso Nacional brasileiro, amplamente difundido pelos canais abertos de televisão e rádio em 2012.

Bakhtin e os fundamentos para uma Análise do Discurso

Segundo Bakhtin (*in* Brait (1997)), a compreensão ampla da natureza da linguagem está para além, de um lado, da pura análise abstrata e, por outro lado, dos talentos individuais. O sujeito é, antes de tudo, social, histórico e cultural.

Bakhtin considera que a língua não pode e não deve ser compreendida isoladamente, mas permeada por suas relações com a sociedade, ou seja, por fatores também fora da linguagem, extralinguísticos. Bakhtin (1999) propõe a interação verbal, o dialogismo, como base de sua teoria.

Segundo esse teórico russo, a língua deveria ser estudada a partir das suas relações com os momentos de produção, com os interlocutores, os contextos que envolvem a fala, o momento histórico-social. O homem, segundo Bakhtin, é um ser histórico e produtor de um conjunto de relações sociais. Esse autor afirma que:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional (2006, p. 248).

A palavra, para Bakhtin (1999, p. 95), “[...] está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. O sentido ocorre por meio do fenômeno da interação verbal realizada por meio dos enunciados ou das enunciações.

Bakhtin entende a linguagem como polifônica, ou seja, subjaz a voz do sujeito muitas outras vozes.

Bakhtin postula, ainda, que todo discurso é dialógico, mesmo entre produções monológicas, ou seja, há uma relação dialógica mesmo nos casos em que as vozes não se deixam transparecer. Segundo Bakhtin, o dialogismo está presente mesmo em discursos que Orlandi classifica como autoritários como discurso religioso, por exemplo.

Observa-se, portanto, que o teórico russo enfatizou a heterogeneidade da parole (STAM, 2000, p. 12), pois ele “vê a linguagem não só como um sistema abstrato, mas também como uma criação, parte de um diálogo cumulativo entre o ‘eu’ e o outro, entre muitos ‘eus’ e muitos ‘outros’.

Dialogismo

Bakhtin defende uma proposta de abordagem da linguagem que ocorre sob o conceito do dialogismo, segundo ele, princípio constitutivo da linguagem. A partir desse princípio as trajetórias dos discursos são traçadas em busca de sentido. Segundo o teórico russo (2006, p. 404), um texto só tem sentido em contato com outro texto (contexto), fazendo com que o texto participe de um diálogo.

A relação dialógica entre os interlocutores, em um processo de interatividade ou reversibilidade, instaura a dialogicidade da linguagem. Essa perspectiva de análise é, a rigor, redefinição da Teoria da Informação, embasada nos postulados da matemática e da estatística e sustentada por teórico como Roman Jakobson. A Teoria da Informação entende a comunicação que envolve emissor (eu), receptor (tu) e mensagem.

As enunciações, segundo a perspectiva bakhtiniana, são irrepetíveis e, sendo únicas, apresentam sentido único e particular. As enunciações carregam emoções, valores morais, religiosos, juízos de valores e têm uma autoria e, por isso, revelam a posição de seu enunciador. O enunciado é, portanto, dialógico e se constitui a partir de outro enunciado.

Segundo Barros e Fiorin (2003, p. 2), chamam a atenção para o olhar adequado para se entender o sujeito sob a perspectiva do dialogismo, em que perde o

papel de centro para dar lugar a diferentes vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico.

Naturalmente, essa nova forma de ver a comunicação transcende a esfera do linguístico e se carrega de caráter histórico e cultural. Para Bakhtin, o sujeito é concreto e participa ativamente da produção social e da cultura. Tendo como base uma orientação claramente marxista, dado o momento histórico vivido pelo autor, Bakhtin vê a palavra como um signo acima de tudo ideológico. No conjunto da sociedade de classes emergem, por meio da linguagem, os interesses e os confrontos de diferentes grupos humanos.

Bakhtin (1986, p. 123) afirma que “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal”.

Bakhtin propôs que o estudioso da linguagem leve em conta a natureza viva e concreta da comunicação, não apenas a estrutura da língua, mas a enunciação, acontecimento único constituído pelo dialogismo. O enunciador dialoga com o mundo anterior a ele, sua fala pressupõe o sistema da língua e outros enunciados produzidos por ele mesmo e por outros. O sujeito deixa de ser o centro da interlocução e passa a estar não mais no “eu” nem no “tu”, mas no espaço criado entre ambos. O “eu” se constitui como sujeito no encontro com o diferente, com o outro.

Polifonia

O dialogismo manifesta-se a partir da polifonia e da heterogeneidade, presentes nos diversos gêneros discursivos e na intertextualidade, que é, segundo Barros e Fiorin (2003, p. 4), “intertextualidade das vozes que falam e polemizam no texto, nele produzindo o diálogo com outros textos”.

Como já afirmado acima, a polifonia é um dos conceitos apresentados na teoria bakhtiniana e emerge do conceito de dialogismo. É o entrecruzamento de diversas vozes que se instauram no enunciado. Barros e Fiorin (2003, p. 6) mencionam que os textos são dialógicos justamente porque resultam do embate de muitas vozes sociais.

O dialogismo é concebido como espaço interacional entre o “eu” e o “tu” entre o “eu” e o “outro”, no texto. Desse modo, a existência do outro é essencial para a construção do sentido, que ocorre na perspectiva da análise do discurso a interação entre os interlocutores envolvidos no evento enunciativo.

O discurso nunca é autônomo, pois nele estão representadas muitas outras vozes que se entrecruzam no tempo e no espaço. Segundo a perspectiva bakhtiniana, um texto não nasce do nada, ou seja, ele não tem no emissor o seu único e absoluto início. Assim, se todo texto é um intertexto, todo intertexto, também, pode ser considerado como um texto. Essa reunião de textos que se entrecruzam pode revelar a existência de múltiplas vozes. Instala-se, portanto, a noção de polifonia na proposta bakhtiniana de entendimento do objeto linguístico.

A polifonia é a resultante da ideia de que tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um interlocutor, não pertence só a ele, mas deve-se ao ambiente histórico e social do qual esse interlocutor participa. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes, infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala (BARROS, 2003, p. 14).

Em linguística, polifonia é, portanto, segundo Mikhail Bakhtin, a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe inspiram ou influenciam. A polifonia é um fenômeno também identificado como heterogeneidade enunciativa, que pode ser tanto mostrada, explícita (no caso de citações de outros autores em obras acadêmicas, por exemplo), ou constitutiva, implícita (como a influência de dramaturgos clássicos em Shakespeare, por exemplo, que não é mencionada diretamente, mas transparecida).

Intertextualidade

A perspectiva bakhtiniana permite o estabelecimento de outro conceito, a intertextualidade, diálogo estabelecido entre os muitos textos da cultura. É possível ver a intertextualidade, expressão essencialmente dialógica, às várias expressões artísticas. As relações intertextuais são realizadas por meio “do processo de incorpo-

ração de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (BARROS e FIORIN, 2003, p. 30). Os autores apontam três processos de intertextualidade: a citação, a alusão e a estilização. Por meio desses processos, instaura-se uma rede de diálogos que se cruzam em um dado espaço e colaboram para a constituição de um mosaico composto por múltiplos discursos que são absorvidos e transformam-se em outras produções. É possível de ocorrer tanto na superfície do texto, quanto na profundidade das relações implícitas do texto com seu universo cultural e, conseqüentemente, com outras obras.

A intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade “interna” das vozes que falam e polemizam no texto nele produzindo diálogo com outros textos. [...] A intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro texto, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo (BARROS e FIORIN, 2003, p. 430).

Um texto, a rigor, não tem como ser original. Qualquer texto traz, em sua essência, diversos outros textos. O diálogo constante entre os diversos textos permite que eles se tornem cada vez mais complexos e mais heterogêneos.

Discurso político

A análise do discurso, especialmente a francesa, elegeu como a análise do discurso político como uma tendência importante, aproximando o fazer ciência e o fazer política. Os analistas do discurso não podem ser cegos à história nem surdos à língua.

Corpus de análise

Para fins de análise escolheu-se o discurso do ex-senador brasileiro Demóstenes Torres em sua primeira defesa pública em razão da acusação de envolvimento com contraventores e, por conta disso, quebra do decoro parlamentar. O discurso foi veiculado em rede aberta de televisão em 2012.

(1) *Vivo o pior momento da minha vida, vivo um momento que jamais imaginaria passar.*

(2) *Eu passei a enfrentar algo que nunca tinha enfrentado em minha vida, depressão, remédio para dormir e que não faz efeito, fuga dos amigos e talvez a campanha sistemática mais orquestrada da história do Brasil.*

(3) *Eu peço a Vossas Excelências que eu seja julgado pelo que eu fiz, não pelo o que eu falei que iria fazer.*

(4) *Estou entregando aqui a copia das minhas duas contas provando no período que o procurador pediu (pode quebrar em qualquer momento, posso até entregar as conta) que em nenhum momento foi depositado um milhão de reais na minha conta. Então as provas documentais estão aqui.*

(5) *O que ele disse a mim, disse também as outras pessoas, que não lidava mais com jogos.*

(6) *Ele pagava, imagine, R\$ 30,00 a R\$ 50,00, por mês, R\$ 40,00.*

(7) *Como disse se soubesse antes o que eu sei hoje.*

Conforme Bakhtin, dentre eles especialmente Pêcheux, importante representante da análise do discurso francesa a partir da década de 60, a análise vai além dos elementos da superfície do texto. Com base no texto e no conhecimento da circunstância de produção, elementos sociais históricos e culturais, é possível conjecturar aquilo que está explícito (o que se quer que entendam) e, ainda, aquilo que está implícito (o que ele realmente quer dizer).

Numa análise superficial, o discurso do ex-senador apresenta características próprias de um discurso político: exaltação do eu; desmerecimento do discurso do outro; apelo afetivo emocional e diferentes estratégias linguístico-discursivas.

O objetivo principal de Demóstenes é o convencimento de sua inocência. Por isso no discurso o interlocutor enunciador defende a tese de que é vítima, segundo ele, de uma campanha orquestrada para comprovar sua culpa. Assim como ele coloca em (8), o ex-senador tenta transferir a acusação que lhe fora imputada em seus acusadores, pois se considerarmos verdadeiro de que é *uma campanha sistemática mais orquestrada da história do Brasil*, então isso representa formação de quadrilha, crime em que o próprio enunciador é acusado por associar-se a contraventores.

A questão da transferência de responsabilidade também pode ser vista em (5), quando o acusado apela para a isonomia ao afirmar: *O que ele disse a mim, dis-*

se também as outras pessoas, que não lidava mais com jogos. Ou seja, a mensagem implícita desejada pelo ex-senador é que se ele está sendo julgado, outras pessoas também deveriam ser segundo o princípio constitucional da isonomia. O argumento vai ao encontro do desejo do enunciador de constituir-se como alguém que não mereceria estar sendo julgado.

A exaltação do eu fica claro em vários momentos do discurso, associado a um apelo afetivo emocional. Em (1) ele diz que está passando pelo *pior momento* vida, momento que *jamais imaginaria passar*. Em (2) o apelo ocorre pela informação por parte do enunciador de que está em depressão, toma remédio para dormir e que não faz efeito, ou seja, ele está tentando convencer de que é inocente, pois só fica assim quem está sendo injustamente acusado.

Demóstenes organiza o discurso para convencer de sua inocência e de que está sendo julgado injustamente. É possível perceber o que os estudiosos chamam de *simulacro*, ou seja, o enunciador procura estabelecer uma imagem de alguém que não sabia o que estava ocorrendo, de que fora enganado. Em (7) *ele afirma: como disse se soubesse antes o que eu sei hoje*. Com isso ele afirma de fora enganado, de que não sabia o que estava acontecendo. Em (5) isso fica claro novamente quando Demóstenes afirma que Cachoeira lhe assegurara de que não *lidava mais com jogos*. Ou seja, o ex-senador faz-se de vítima, pois fora enganado.

Diante da característica incontestável da acusação de favorecimento pecuniário do contraventor Cachoeira no pagamento de conta de canal exclusiva de comunicação, a estratégia utilizada pelo ex-senador foi minimizar a acusação. Em (6) o enunciador afirma *ele pagava, imagine, R\$ 30,00 a R\$ 50,00, por mês, R\$ 40,00*. O termo *imagine* utilizado pelo acusado minimiza a acusação. Ainda, reforça o fato expondo quantitativamente os valores. Ao minimizar a importância pecuniária paga por Cachoeira ao ex-senador, a estratégia é colocá-la ao nível da insignificância, como se o argumento da ínfima importância não fosse crime.

Outra característica do discurso político é o fazer e comprovar no processo de convencimento. Essa característica é também observada no discurso do ex-senador Demóstenes Torres. Ao se defender da acusação de ter recebido um milhão de reais, o ex-senador afirma não ter recebido e comprova, segundo ele, ao entregar cópia das contas bancárias no período solicitado pelo procurador. Veja o texto em (4): *Estou entregando aqui a copia das minhas duas contas provando no período que o*

procurador pediu (pode quebrar em qualquer momento, posso até entregar as conta) que em nenhum momento foi depositado um milhão de reais na minha conta. Então as provas documentais estão aqui. Claro está para os peritos que a prova apresentada não constitui prova cabal de sua inocência da acusação, o que faz crer o discurso de Demóstenes. Com essa estratégia, o ex-senador tenta provar que está disposto a colaborar com as investigações já que não tem nada a temer, assim fazendo com que, quem escuta ou lê o seu discurso, imagine Demóstenes como uma figura inocente que está somente tentando provar a sua inocência.

Outra estratégia intrigantemente utilizada pelo Demóstenes é a em (3) *Eu peço a Vossas Excelências que eu seja julgado pelo que eu fiz, não pelo o que eu falei que iria fazer.* Um dos princípios do direito para incidência de infração ou crime é a realização deste. O ex-senador se utiliza dessa estratégia, já que a maior parte das acusações é de ligação telefônica. O argumento esbarra, contudo, no fato de que a questão envolvida é a quebra de decoro e que a própria ação de conversar com o contraventor e de omitir a real relação com este constitui em algo feito, numa ação feita pelo senador, não se sustentando seu argumento de defesa. Deve-se levar em conta, o momento histórico e social do congresso brasileiro, em que há uma tendência crescente de menosprezar atitudes como a do ex-senador Demóstenes. Ainda, sob a perspectiva teórica bakhtiniana, os interlocutores envolvidos naquele evento enunciativos se tratam de pessoas com discernimento: políticos que conhecem, seguramente, os meandros obscuros da política. Segundo Bakhtin (1992a) o enunciado é a unidade da comunicação verbal que permite tratar a linguagem como movimento de interlocução real, ultrapassando a ficção científica postulada pelo velho paradigma emissão-mensagem-recepção da Teoria da Informação. Do ponto de vista bakhtiniano, não existe tal receptor passivo, e toda enunciação envolve a constituição de algo que se molda, desde o início, na direção de uma atitude “responsiva ativa” a ser tomada pelo interlocutor.

Considerações finais

Os pressupostos da Análise do Discurso são apropriados para análise desse tipo de discurso cujo resultado satisfaz o analista no que diz respeito à identificação

dos interesses explícitos e implícitos constitutivos, segundo Bakhtin, em todo discurso. Bakhtin afirma, afinal, que todo discurso é dialógico e ideológico.

A análise do discurso no universo político do ex-senador Demóstenes Torres mostrou que as características do discurso citado está de acordo com as principais características desse tipo de discurso apontados na literatura.

Observou-se que houve uma tentativa de exaltação do eu, ao se fazer de vítima de articulação de seus adversários políticos. No discurso há uma busca de um *eu* idôneo, sentimental, vítima de articulação política, inocentemente envolvido em conluios, enfim, inocente.

Procura ainda descaracterizar as provas minimizando-as ao nível da insignificância, em outros casos indiretamente reclamando isonomia ou transferindo a responsabilidade, ainda, alegando desconhecimento dos interesses escusos do grupo de Cachoeira.

Enfim, Demóstenes organizou seu discurso em fundamentos já esperados, naturalmente se mostrando vítima das acusações que lhe foram imputadas.

Referências

- BAKHTIN, Mikael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, D. L. P. de. *Reflexões sobre os estudos do texto e do discurso*. *Língua e Literatura*, 22. São Paulo: 1996, 181-199.
- BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. ed. 2ª. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*. In BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Unicamp, 1987.
- CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução Fabiana Komesu (et al.) São Paulo: Contexto, 2004.
- COURTINE, Kean-Jacques. *Metamorfoses do Discurso Político: derivas da fala pública*. Tradução: Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: ClaraLuz, 2006.
- FERNANDES, Cleudemar. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. ed. 5ª. São Paulo: Loyola, 1996.

GREGOLIN, M. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

_____. *Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Lingüística* (p. 99-111). In: *Revista Estudos da Linguagem*. n° 01. Junho/2005. LEPARGNEUR, H. Introdução aos estruturalistas. São Paulo: Herder, 1972.

MUSSALIN, F. BENTES, A. C. (org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1988.

_____. (et al.). *Sujeito & Discurso*. São Paulo: Editora da PUC-SP (Série Cadernos PUC – 31).1988b.

_____. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. ed. 6°. São Paulo: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Sobre a (des)construção das teorias lingüística* (p. 07-31). In: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*. Campinas: Pontes, 1999.

SASSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.